

INTRODUÇÃO

As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de serem escolhidas.

Eduardo Galeano

Início este trabalho compartilhando a dificuldade em descobrir o caminho a ser trilhado em sua construção. Meu percurso profissional parece ser o fio condutor dessa jornada feita de estudos, ações, parcerias e aprendizado. Esta trajetória está marcada pela busca constante de diálogo com interlocutores que, insatisfeitos com ações isoladas, procuram refletir coletivamente sobre a prática docente. A reflexão se constitui, assim, numa possibilidade de compreender os caminhos percorridos e entrelaçar esses fios à construção de uma outra trajetória, a de pesquisadora.

Durante seis anos, atuei como professora da Rede Pública Municipal de Niterói, em dois turnos. Tive, assim, a oportunidade de trabalhar com todas as séries. Porém foi o trabalho com as turmas iniciantes que me fez investir na carreira de professora. Tal investimento ocorreu principalmente na área da alfabetização e da literatura infanto-juvenil. Histórias de fadas, de aventura, de animais e tantas outras faziam parte do trabalho que desenvolvia com as turmas de alfabetização. Buscava, desta forma, construir práticas de leitura, enquanto ensinava as letras, as sílabas, todo o sistema de escrita. Foi numa dessas aulas que, mesmo não sabendo escrever de forma ortográfica, as crianças quiseram enviar uma carta para Ziraldo, e entendendo que escrever só se aprende escrevendo, nós o fizemos juntos.

No ano de 2000, fui convidada a fazer parte da Equipe de Coordenação Pedagógica de 1º e 2º Ciclos da Fundação Municipal de Educação, visto que meu trabalho na escola vinha se destacando. Essa Coordenação tem como perfil recrutar educadores que possam auxiliar outros docentes a desenvolverem uma prática mais reflexiva. Nessa Equipe, tenho tido a oportunidade de estar com outros professores, desenvolvendo um trabalho de acompanhamento às escolas, organizando projetos de aperfeiçoamento, oportunizando, através de reuniões, o repensar da prática pedagógica.

As questões ligadas à leitura e à escrita sempre foram alvo de meu interesse, porém muitas vezes se perdiam na rotina diária das aulas, na impossibilidade de refletir coletivamente, na incompreensão de determinados conceitos. A opção por deixar a sala de aula (pelo menos temporariamente), implicou a percepção de que um trabalho isolado dilui-se, fragmenta-se, perde-se no interior de uma rede e vai muito além daquelas quatro paredes que eu conhecia. Implicou ainda o reconhecimento de que os caminhos traçados por mim, ora se diferenciavam daqueles traçados por outros profissionais, ora se aproximavam mais do que eu imaginava.

Contudo, como ultrapassar uma visão etnocêntrica em que tinha como parâmetro o meu próprio trabalho? Como compreender o trabalho desenvolvido na alfabetização sem perder de vista a totalidade das questões envolvidas no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita? Foi na perspectiva de compreender o trabalho desenvolvido nos primeiros anos de escolaridade que optei por retratar a singularidade de uma escola pública, buscando perceber o papel desta instituição e suas relações com outras instituições da sociedade.

Desta forma, decidi por realizar um estudo de caso de caráter etnográfico, ou seja, uma pesquisa qualitativa. Na busca de perceber como a alfabetização e o letramento vêm sendo desenvolvidos coloquei em prática uma observação sistemática do trabalho das professoras Paula, Marisa e Ludimila, que compõem o 1º ciclo da Escola Municipal Beta. Assim como, ouvi as professoras através de conversas informais e entrevistas, que envolveram também a Diretora e a vice-presidente da Associação de Moradores da comunidade. Foram consultados documentos da escola e da Fundação Municipal de Educação de Niterói, fichas de professores, produções dos alunos etc. Ao buscar os procedimentos mais adequados para um estudo de caso, optei por uma metodologia que envolvesse diferentes formas de coleta de dados, acreditando que assim seria possível ter acesso a um maior número de informações. Sabia, entretanto, que tais informações seriam parciais e revelariam apenas as verdades possíveis, nem absolutas, nem definitivas.

Dado que, nesta perspectiva, o pesquisador se constitui como um dos principais instrumentos da investigação, proponho trazer à tona, no primeiro capítulo, os bastidores da pesquisa de campo, os medos, as ansiedades, as cores e as dores

enfrentadas ao longo desta investigação. Mas não estou sozinha nesta caminhada. Busco a companhia de autores que se distinguem por uma maneira particular de colocar problemas sobre a vida social. O propósito consiste em desvendar as dimensões e os conceitos que orientam a pesquisa, à luz de um olhar antropológico. Nesse sentido, busco ultrapassar uma atitude etnocêntrica, relativizando meus próprios valores e dialogando com as idéias dos sujeitos pesquisados.

Dauster (2003) aponta para a importância do conceito de relatividade para o educador e ressalta as tensões entre o singular e o universal que devem permear os horizontes do trabalho, não só do antropólogo, mas também do educador. A escolha dessa abordagem ocorre em função da necessidade de se buscar uma atitude de “estranhamento”, segundo a qual possamos pensar outros sistemas de referência que não os nossos, ou seja, outras formas de representar, definir, classificar e organizar a realidade e o cotidiano que não sejam os nossos próprios.

O segundo capítulo busca compreender o processo de alfabetização, leitura e escrita que ocorre no interior da escola pesquisada, abordando dois conceitos essenciais: alfabetização e letramento. A fim de contribuir para essa discussão, busco, como fonte principal de referência, a autora Magda Soares, que tem acompanhado, nos últimos 20 anos, o estado do conhecimento da alfabetização no Brasil, trazendo à tona dados da produção acadêmica e científica sobre o tema, à luz, principalmente, de categorias que identifiquem os aspectos sob os quais o fenômeno da alfabetização vem sendo estudado. O texto compreende ainda a problematização dos processos discursivos presentes nos conceitos acima explicitados, referendados por Smolka. Contudo, o processo de alfabetização não pode ser compreendido apenas por seu caráter teórico e metodológico. A fim de contribuir para a dimensão política e ideológica que engendra os conceitos discutidos, proponho um breve diálogo com Paulo Freire. Assim como Soares e Smolka, o autor compreende o processo de aprendizagem da leitura e da escrita como possibilidade de transcender a esfera mecânica, se constituindo num processo de reflexão e diálogo.

Enquanto, no primeiro capítulo, o arcabouço teórico se entrelaça às situações vividas no campo de pesquisa, no segundo opto por utilizar uma outra estratégia metodológica. Realizar uma revisão da literatura sobre os conceitos discutidos tendo

em vista a complexidade de ambos a partir das referências citadas, para, posteriormente, discutir os caminhos percorridos pelos sujeitos pesquisados e suas apreensões sobre tais conceitos.

O terceiro capítulo procura conhecer a proposta pedagógica da Fundação Municipal de Educação de Niterói, a fim de estabelecer um debate entre tal proposta e o tratamento dado aos conceitos de alfabetização e letramento. Busca também resgatar a história da instituição escolar pesquisada e ainda conhecer os sujeitos que fazem parte dessa investigação. A descrição minuciosa do campo observado tem como objetivo perceber a organização do espaço escolar, num esforço de encontrar as regularidades que constituem o universo institucional.

O último capítulo se inicia no permanente diálogo com a teoria que, focalizada numa perspectiva etnográfica, busca conhecer os sujeitos pesquisados na sua singularidade, e também em sua relação com o contexto histórico-social. Partindo de tal premissa foi preciso estabelecer um movimento de reflexão sobre a própria atividade de pesquisa.

Nessa ótica, percebi a necessidade de reconstruir as questões discutidas, pois aquelas criadas, antes mesmo de iniciar a pesquisa não dão conta da complexidade e dos acontecimentos diários. Para Freitas, *“não se cria artificialmente uma situação para ser pesquisada, mas vai-se ao encontro da situação no seu acontecer, no seu processo de desenvolvimento”* (2003: 27). Atentos a esta orientação, busco reformular as questões a partir dos acontecimentos que ao longo da investigação foram emergindo.

Assim, destaquei, no quarto capítulo, dois pontos: o primeiro deles se refere às histórias de alfabetização vivenciadas pelas professoras pesquisadas; o segundo diz respeito à formação de professores-leitores. Ambos se relacionam com as práticas de leitura desenvolvidas no interior da sala de aula. Desta forma, a partir das observações das aulas, das entrevistas individuais e de uma coletiva, além da análise de documentos realizadas na Escola Beta durante o ano de 2003, busquei compreender as práticas pedagógicas, de três professoras atuantes no 1º ciclo, tendo como fio condutor os conceitos de alfabetização e de letramento.

Dessa forma, espero a partir da reflexão teórica aqui construída e do estudo de caso realizado numa escola pública municipal poder ajudar a fomentar o debate acerca da distinção entre alfabetizar e letrar. Distinção que não sugere oposição. Ao contrário, ao abordar as especificidades de cada um dos conceitos busco apontar a relevância e a possibilidade de desenvolvê-los concomitantemente.